



R E V I S T A V I S U A I S

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UNICAMP

Arquivo e hibridização:
multiplicidades interpretativas
nas obras
de Paulo Gaiad

Manuela Siebert

Brasil. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, na linha de Ensino da Arte (UDESC - PPGAV). Florianópolis, SC – Brasil.

Resumo

O presente artigo busca analisar o arquivo como um sistema de potenciais hibridizações, as quais permitem conexões entre percepções e/ou sensibilidades que podem ser, à priori, consideradas distantes ou desconexas. Essas questões serão discutidas a partir da obra do artista Paulo Gaiad e das interpretações múltiplas que ela sugere devido às hibridizações presentes nela, não só pelo viés da fatura e das suas obras de técnica denominada "mista", mas também pelo discurso do próprio artista. A questão da multiplicidade interpretativa na obra de Gaiad será colocada em um diálogo com o texto "O Banquete" de Platão, no qual essa questão é debatida a cerca do sentimento do amor.

Palavras-chave

arquivo, Paulo Gaiad, hibridizações, O Banquete, multiplicidade interpretativa.

Abstract

The present article tries to analyze the archive as a system of potential hybridizations that allows connections between perceptions and / or sensitivities that may be a priori considered distant or disconnected. These issues are discussed from the work of art of Paulo Gaiad and the multiple interpretations suggested by its hybridizations, not only through the formal aspects of his works called "mixed technique", but also by the artist's own discourse. The question of interpretive multiplicity in Gaiad's work will be put into a dialogue with Plato's "The Banquet," where the same issue is debated about the feeling of love.

Keywords

archive, Paulo Gaiad, hybridizations, The Banquet, interpretive multiplicity.

Arquivo e hibridização

"O arquivo não é um lugar, mas um sistema de enunciados que é inextenso e incorpóreo", afirmou a professora Rosângela Cherem em sua segunda aula da disciplina de "Territorialidades modernas e contemporâneas" (Programa de pós-graduação em Artes Visuais da UDESC). Tal afirmação nos possibilita pensar que o arquivo é vasto, passível de múltiplas e variadas interpretações, impalpável, único, intransferível, particular, pessoal e inacessível na sua totalidade. Emaranhado de idéias, experiências, sonhos, vontades, vivências, memórias, perdas, ganhos, sofrimentos, amores, gostos, desmesuras. Pode contar com elementos materiais (um arquivo de objetos, uma coleção) e/ou imateriais, ter lógica ou ser um caos, talvez conte com partes permanentes e outras efêmeras, as quais poderiam ser apagadas e esquecidas em uma "pulção de morte"¹ como coloca Derridá em uma conferência realizada em Londres, em 1994, chamada "Mal de Arquivo"² e que foi compilada posteriormente em um livro.

Por horas o arquivo é acessado conscientemente como quando o artista opera feito um minerador escavando suas memórias, lembranças, ou algumas fotos antigas guardadas em um baú do quarto de visitas, a fim de buscar os elementos necessários para a sua criação. Em outros momentos o seu acesso não é tão planejado e as ideias surgem sem que ele faça conexões claras de imediato, porém inevitavelmente elas estão lá, porque só através delas existe a obra, existe história e o ser. Claro que existe a possibilidade de existirem arquivos forjados, manipulados, e planejados, por trás de uma obra. Vemos inclusive o próprio Paulo Gaiad trabalhando com arquivos de outras pessoas misturados ao seu, eis uma forma de hibridização operada por ele e por diversos artistas contemporâneos³.

¹ A pulção de morte, é colocada por Derridá como responsável pelo apagamento da memória, a qual estaria ligada ao poder, este responsável por arquivar e destruir o arquivo constantemente, novamente registrar e destruir.

² Derrida, Jacques. Mal de Arquivo: uma impressão freudiana. Tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

³ Macêdo, Silvana. Mal de Arquivo: a dinâmica do arquivo na Arte Contemporânea. Revista Critica Cultural, volume 4, número 2, Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina: 2009.

Ao longo da disciplina, durante a apresentação de algumas artistas, pudemos perceber essas conexões, intencionalidades, ou incongruências operadas na obra a partir do arquivo. Alguns relatos mostravam como as artistas se apropriavam conscientemente de alguns aspectos, e como inconscientemente alguns outros elementos apareciam sem que elas notassem até que outra pessoa os apontasse.

Nas múltiplas e diversas possibilidades de um arquivo, notamos que ele não pode ser hierarquizado, não é dividido por seções, não tem pré-conceitos nem seleciona o que vai ou não fazer parte dele, justamente por ser "um sistema de enunciados inextenso e incorpóreo", ele está além das nossas vontades, está exterior às nossas escolhas, mas é também responsável por elas. Está ligado à nossa história, que não acontece de acordo com as nossas vontades, e é regido por forças e poderes externos dos quais também não temos controle. Diante disso, o arquivo pode ser considerado uma potência de hibridizações, pois nele se operam diversas mestiçagens entre percepções, assuntos, ideias, sensibilidades.

Segundo Narloch (2007), o hibridismo tem uma vertente estética que tem enfoque na interdisciplinaridade de meios e linguagens artísticas, e é por esse viés que analisaremos o arquivo como um sistema que possibilita essas interdisciplinaridades operando diversas mestiçagens entre assuntos e técnicas bem como funcionaria como um impulsionador do surgimento de variadas interpretações a cerca de um mesmo assunto ou obra.

Diante da obra de Paulo Gaiad notamos a interdisciplinaridade nas técnicas utilizadas pelo artista, e no seu discurso sobre sua própria produção. Seus trabalhos, na sua maioria, são considerados por ele e pela crítica como trabalhos de técnica mista, e em alguns casos, o próprio artista subverte ideias preconcebidas sobre técnicas aparentemente bem estabelecidas denominando-as de forma diferente em seus trabalhos. Uma obra que para os espectadores pode ser considerada uma pintura, pode ser chamada de desenho por ele, uma performance pode ser considerada uma instalação por ele, e assim sucessivamente. São diferentes possibilidades de interpretação que o artista trás, e que instauram um diálogo com

“O Banquete”, onde um mesmo sentimento, o amor, é interpretado de sete maneiras diferentes.

Suas obras possuem um caráter híbrido. Como muitos artistas contemporâneos, Paulo Gaiad trabalha com diversos materiais, como desenho, pintura, fotografia, que conversam com a arquitetura, o teatro e a música. O artista constroi e reconstrói as modalidades, as fronteiras das técnicas não existem, são rearranjadas conforme os temas, como quando lixa, arranha, expõe as cicatrizes do material. Desenho e pintura confundem-se em suas obras, na mistura com colagens e assemblages. (BASCHIROTTI, 2012)

Hibridizações no arquivo e na obra de Paulo Gaiad

Segundo Sandra Rey (2012), o hibridismo na arte é responsável por cruzamentos, passagens, desvios, deslocamentos, migrações, e ressignificações. Os processos de hibridização seriam, então, responsáveis pela dissolução das especificidades de cada técnica. Podemos observar esses processos no arquivo e na obra de Paulo Gaiad, porém, logicamente acessamos seu arquivo como espectadores e nunca seríamos capazes de entendê-lo, ou conhecê-lo na sua totalidade, até porque nem o próprio artista poderia fazê-lo, levando em conta tudo o que já discutimos anteriormente. O que podemos notar é que seu arquivo é uma compilação de fracassos, tristezas, acontecimentos, experiências, bem como relatos de viagens, objetos simbólicos, anotações, fotografias, memórias, entre outros. No limiar da sua criação, as hibridizações, que já existiam no arquivo, são exteriorizadas a partir da mestiçagem de diversas técnicas e materiais, como em um ato compulsivo e frenético de uma tentativa de representar esteticamente todas as percepções e sentimentos que lhe transbordavam.

Este manancial a que se poderia denominar de arquivo, não pode ser concebido como um complexo arquitetural ou físico de informação, pois a questão não se refere a uma topografia, mas um sistema perceptivo absolutamente particular e intransferível, onde memória e imaginação permitem avizinhar coisas díspares e efetuar agrupamentos e recomposições heteróclitas. (CHEREM, SOARES, 2012).

Pinturas, desenhos, colagens, materiais de todos os tipos e técnicas variadas de trabalho são combinados e recombinaos, pensados e repensados, as composições são complexamente trabalhadas em uma espécie de tentativa de obter a forma exata de mostrar o incompreensível e de falar do indizível. A estética adotada por ele, e a fatura de suas obras, são inconfundivelmente híbridas e interdisciplinares. O artista trabalhava através de séries que, em muitos momentos, repetiam afirmações, enfatizavam questões, e parecem apresentar uma espécie de frustração do artista, que insatisfeito tenta rearranjar suas ideias em novos procedimentos na tentativa de achar o "idioma" mais apropriado para falar sobre as suas vivências e memórias, se não para o outro, talvez para si mesmo, sem se preocupar em encaixar sua técnica e seu fazer em nomenclaturas pré-concebidas.

O crítico Tadeu Chiarelli observa que a imagem fotográfica não é o único elemento que conta na produção de Gaiad. Ela se insere numa poética de articulações híbridas, e as peças por ele produzidas não procuram desenvolver um discurso estritamente fotográfico. Ainda segundo Chiarelli, Gaiad não parece interessado na linguagem fotográfica ou na fotografia "pura". Exerce aquelas várias ações sobre a imagem fotográfica por supostamente não confiar na sua força efetiva. O artista parece atuar com consciência de que a imagem fotográfica não possui poder suficiente para exprimir, de forma eficaz, o que se quer. O resultado de tais ações e reinterpretações é a produção de objetos híbridos, meio fotografias, meio assemblages. (Itaú Cultural).

Multiplicidades Interpretativas

O trabalho de Gaiad nos sugere inúmeras interpretações tanto com relação à técnica, quanto ao conceito, assim como em "O Banquete", quando o amor é colocado em pauta e recebe sete diferentes interpretações. No diálogo de Platão, cada orador coloca a sua ideia sobre o que é o amor, trata-se de um sentimento, apenas um assunto em comum à ser discutido e analisado, mas que possibilitou múltiplas compreensões. Isso acontece porque os enunciados e sensibilidades de cada orador diferem entre si, ou seja, seus arquivos são únicos, pessoais e intransferíveis e suas ideias com relação ao sentimento do amor são produto desse sistema particular a

cada um deles. Do mesmo modo que as obras de Gaiad sugerem inúmeras interpretações e compreensões, pois seu discurso, sua fatura e estética sugerem isso.

Obviamente, poderíamos considerar que praticamente todas as obras de arte possibilitariam múltiplas interpretações, pois além de existir o arquivo do artista, por detrás, também existe o arquivo do espectador que irá interpretar a obra ao seu modo e a partir das suas sensibilidades. Porém, o que nos interessa no caso de Gaiad, é pensar nas denominações do próprio artista, na sua intencionalidade de manter a sua obra imprevisível e alheia à definições exatas.



Figura 1 - Paulo Gaiad. *O bosque* da série *Desenho das sombras*, 2009. Pintura, colagem e objetos sobre madeira.

Seus procedimentos, extremamente elaborados e complexos, fazem com que a obra não possa ser, na maioria dos casos, classificada em categorias ou técnicas específicas, classificando-a em uma denominação abrangente, como "técnica mista". Quando não são subvertidas pelo próprio artista, como no caso do trabalho "*O bosque*" (figura 1). Nessa obra Gaiad faz uma mescla entre pintura, colagem, trabalho em madeira e aplicações de bonecos de pano. A obra poderia facilmente ser encarada como uma pintura matérica, talvez um objeto escultórico, tamanha a sua corporeidade, porém é considerada pelo artista como desenho. Diante de tantas misturas de técnicas, procedimentos interdisciplinaridades e hibridizações, já não

podemos delimitar sua obra, e tentar nomeá-la seria limitar suas possibilidades, ou desviar-se da fala e do desejo do artista.

O mesmo acontece com várias outras obras, algumas delas, como as da série "As paredes que me cercam" (figura 2) ou a obra "O mergulho" (figura 3), nos induzem ao equívoco de considerá-las e denominá-las "pinturas" devido ao uso da tela como suporte, o que não corresponde à uma realidade contemporânea de "técnica mista", hibridações e da teoria do fim da arte e da pintura de cavalete. Isso se repete em diversas outras séries e trabalhos, os quais fogem constantemente de rótulos e nomenclaturas.

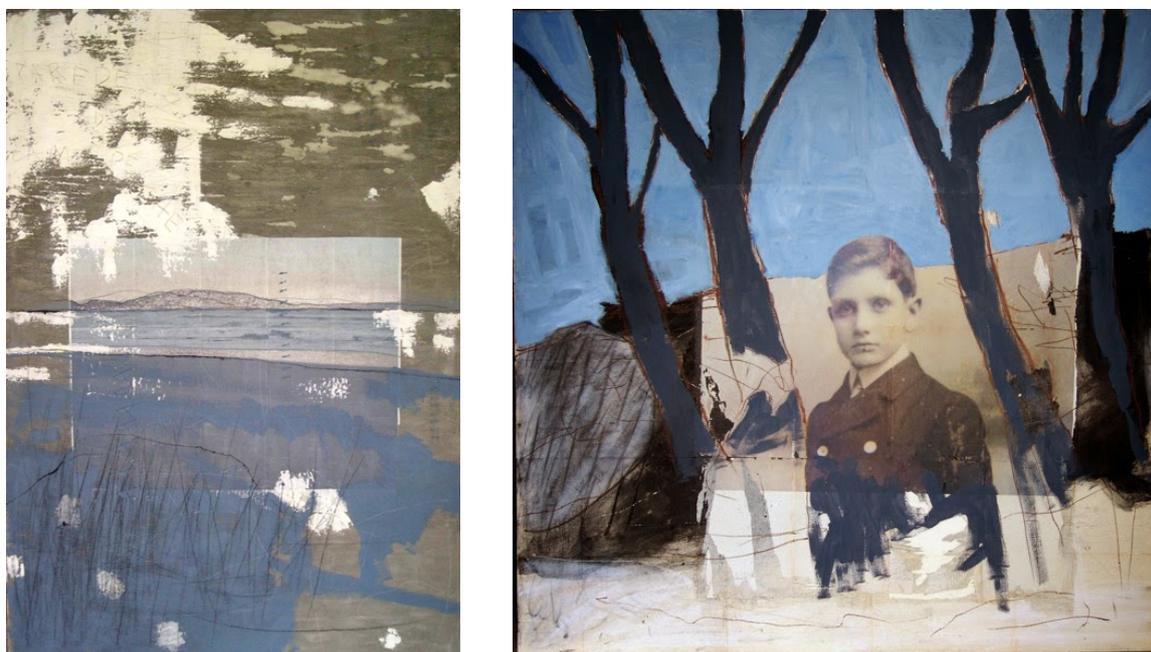


Figura 2 - Paulo Gaiad. Trabalhos da série *As paredes que me cercam*, 2003 – 2007.
Acrílica, fotografia, cimento e massa sobre tela



Figura 3 - *O mergulho*, 2007. Técnica mista sobre tela, dimensões de 100x150 cm

O arquivo é para o artista fonte do seu repertório, indissociável do seu trabalho, único e particular, é nele que acontecem as conexões necessárias para o surgimento de uma obra, ele é incorpóreo e inextenso, ilimitado, não hierarquizado, portanto potencia de hibridizações e responsável por diversas interdisciplinaridades e mestiçagens, sejam elas técnicas ou conceituais. No caso de Paulo Gaiad em especial, podemos perceber em sua obra detalhes extremamente íntimos do seu arquivo, pois o artista trabalhava com memórias e vivências que eram dele, eram parte de uma história que moveram toda uma vida.

Suas obras de caráter interdisciplinar, em "técnicas mistas", ampliam os horizontes de seus trabalhos e atribuem à eles diferentes formas de interpretação que sempre caminham ao encontro das suas memórias. Por isso o trabalho de Paulo Gaiad não depende do seu tempo para ser compreendido, é atemporal, pois apesar de tratar de memórias e experiências vividas, é verdadeiramente sobre a condição humana, é mais profundamente sobre os sentimentos humanos, e é sobre os modos de ser, estar e encarar as desmesuras humanas, que sempre serão as mesmas independente do tempo. Assim como a discussão sobre o amor, o sofrimento sempre será atual, e como no texto de Platão ou na obra de Gaiad sempre contarão com uma multiplicidade interpretativa.

Referências

BASCHIROTTO, Viviane. "Considerações sobre o gesto na fatura, in Paulo Gaiad". In **Dossiê Paulo Gaiad, Revista Punctum**, Florianópolis: UFSC, 2012.

CHEREM, Rosângela, SOARES, Luiz Felipe. "(Con-)ficções: imaginação poética e vestígios mnemônicos". In **Dossiê Paulo Gaiad, Revista Punctum**, Florianópolis: UFSC, 2012.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

Itaú Cultural. **Paulo Gaiad**, acessado em 18 de Dezembro:
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9163/paulo-gaiad?utm_source=paulo%20gaiad&utm_medium=/pessoa9163/paulo-gaiad&utm_campaign=pagina_busca

NARLOCH, C. "Das artes liberais ao hibridismo: As revoluções dos conceitos nas artes visuais." In: LAMAS, Nadja de Carvalho. (Org). **Arte contemporânea em questão**. Joinville (SC): Editora da Univille, 2007.

PLATÃO. **O banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2015.